

Eduardo da Cruz e Andreia Alves Monteiro de Castro (org.) *Ao Raiar da Aurora. Antologia de Narrativas breves de Escritoras Portuguesas Oitocentistas*, 2 vols., São Paulo, Editora LiberArs, 2022 vol. 1: 239 pp. (ISBN 978-65-5953-074-8) vol. 2: 227 pp. (ISBN 978-65-5953-075-5)

*Vanda Anastácio*<sup>1\*</sup>

Estudar as escritoras portuguesas do passado não é tarefa fácil. Os seus nomes não figuram na generalidade dos manuais de História literária, as edições modernas das suas obras são raras, foram sistematicamente esquecidas pelos programas escolares e mal-amadas por uma crítica que desvalorizou a sua atuação com base em estereótipos de género e em grelhas de análise hoje ultrapassadas. Os dois volumes que aqui se recenseiam constituem uma contribuição decisiva para alterar este panorama. Resultado de um trabalho de pesquisa coletivo, realizado de modo sistemático no âmbito do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, são a face mais visível de uma iniciativa ancorada na investigação de arquivo, tendo em vista dois objetivos fundamentais: *resgatar* as escritoras – identificando-as e localizando a sua produção escrita, e *dar ler* as suas obras.

A organização dos dois volumes obedece a um critério temporal, sendo o 1º volume dedicado a autoras do século XIX (Ana Maria Ribeiro de Sá, Ana Plácido, Antónia Gertrudes Pusich, Catarina Máxima de Figueiredo, Efigénia do Carvalhal, Emília Eduarda, Guiomar

---

1 \* Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Desde 2015 coordena o Gabinete Cultural da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna. É membro integrado do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa e colabora regularmente com outros Centros de Investigação em Portugal e no Brasil. Entre as suas publicações destacam-se edições críticas de autores portugueses dos séculos XVI a XVIII. Nos últimos anos tem trabalhado sobre escritoras portuguesas anteriores a 1900.

Torresão, Hermenegilda de Lacerda, Maria Amália Vaz de Carvalho, Maria Peregrina de Sousa, Maria Rita Chiappe Cadet) e o 2º volume dedicado a escritoras que produziram nas primeiras décadas do século XX (Adelina Lopes Vieira, Alice Pestana, Ana de Castro Osório, Ana Villalobos Galheto, Angelina Vidal, Branca de Gonta Colaço, Cacilda de Castro, Cláudia de Campos, Luthgarda Guimarães de Caires, Maria O'Neill, Mariana Coelho, Paulina Campelo Macedo, Sarah Beirão, Teresa Franco, Virgínia de Castro e Almeida). Ainda assim, no interior de cada tomo, infelizmente, o critério cronológico foi preterido a favor da seriação alfabética. Para cada uma destas vinte e seis escritoras é fornecida uma biografia, uma seleção de textos e, nos casos em que foi possível localizá-lo, um retrato. Globalmente, pode dizer-se que estes volumes sugerem um cânone feminino para o período que vai de meados de oitocentos até à década de 1930 e, neste sentido, constituem uma contribuição importante para criar pontos de referência com vista a uma narrativa mais inclusiva da história literária deste período e para uma reconfiguração do que se conhece acerca do funcionamento do campo literário luso-brasileiro da época contemporânea.

Vale a pena salientar a pertinência do recorte temporal escolhido pelos compiladores desta antologia. Com efeito, a verdadeira “explosão” da imprensa periódica a que se assistiu em Portugal e no Brasil a partir de 1830 veio alterar significativamente, quer as formas tradicionais de produção e difusão de textos, quer práticas de leitura habituais até então. Jornais, revistas e almanaques tentam captar a atenção de um público leitor cada vez mais amplo e mais socialmente variado, com destaque para as leitoras, que uma nascente imprensa feminina procura atrair. Ninguém parece estar imune à sedução exercida por estes novos *media*. Nem os autores canónicos que a História consagrou, nem as mulheres. A imprensa periódica impõe novos formatos, como o folhetim e a narrativa breve, acolhendo ainda o poema solto, a anedota, a curiosidade, a charada ou o logogrifo, produções curtas que permitiam preencher espaços deixados livres pelos tipógrafos e que acrescentavam ao pendor informativo dos periódicos uma dimensão lúdica.

É neste universo que se movem as escritoras representadas nesta antologia. A maioria viu os seus romances e novelas publicados em folhetim, e foram numerosas as que colaboraram ou dirigiram jornais, revistas e almanaques que circularam em Portugal e no Brasil. Ainda que a publicação em periódicos não exigisse, necessariamente, grande familiaridade das autoras com o meio intelectual, a verdade é que a pesquisa realizada pelos colaboradores destes volumes vem revelar que as mulheres-autoras de meados de oitocentos puderam contar com o apoio relevante de figuras masculinas, como Sousa Viterbo, Pinheiro Chagas e António Feliciano de Castilho que as ajudaram a defender-se de ataques misóginos e lhes facilitaram o acesso a editores em Portugal e no Brasil. Já no início do século XX, as mulheres parecem ter conseguido criar as

suas próprias redes de apoio, quer no seio de grupos próximos dos ideais republicanos, quer no âmbito das primeiras organizações feministas.

O que escrevem estas mulheres? As narrativas curtas que figuram nestes volumes permitem distinguir grandes áreas temáticas às quais dedicaram maior atenção. Entre as suas produções assumem particular destaque as questões relacionadas com o amor e com o casamento. É possível que este predomínio do interesse pelas relações amorosas seja efeito das convenções da narrativa ficcional da época e até da busca de adequação ao horizonte de expectativas dos leitores e das leitoras. Vale a pena, contudo, atentar no modo como estas narrativas se constroem, e entender que estamos invariavelmente diante de visões das vivências das mulheres que diferem, quando não se opõem totalmente, às tradicionalmente veiculadas pelos discursos masculinos. Assim, o sentimento amoroso é repetidamente descrito como um perigo para as mulheres e o enamoramento como uma fonte de chantagens emocionais por parte de homens sem escrúpulos que as sacrificam aos seus desejos e aos seus interesses económicos e sociais. Nesta lógica, nem o casamento constitui salvação possível, uma vez que é apresentado invariavelmente como sendo, para a mulher, um logro, um engano, uma sujeição (vol. I, p. 85), uma escravidão (vol. I, p. 144), uma condenação (vol. I, p. 145) e um sacrifício (vol. I, p. 89, p. 147). No conjunto, estas narrativas descrevem uma sociedade hostil às mulheres, na qual o assédio, a sedução, o estupro e a violência se exercem sobre elas sem punição. Perante este panorama não é de estranhar o tom de alerta que perpassa nestes textos e os avisos e recomendações de prudência e de contenção emocional que se repetem de narrativa para narrativa.

As questões relacionadas com o amor e o casamento continuarão a ocupar as escritoras das primeiras décadas do século seguinte. No entanto, as condições sociais e, sobretudo, o clima político vivido imediatamente antes e logo após a implantação da República em Portugal em 1910, veio abrir novos espaços de debate para as mulheres, que parecem ter encontrado na escrita uma forma privilegiada de intervenção e de luta a favor da melhoria da condição feminina. Nas palavras dos organizadores: “A liberdade conquistada por essa luta permitiu uma abertura temática maior na ficção de autoria feminina. As questões políticas e sociais ganham relevo, mas os temas considerados femininos, como o cuidado com os filhos, a busca por autonomia, continuam.” (vol. II, p. 13). Se é verdade que as narrativas de novecentos adotam com frequência um tom didático e que muitas autoras se desdobram em escritos em prosa e em verso para chegar ao público infantil, não é menos verdade que se empenham na denúncia da sujeição feminina, integrando as formas de dominação e de violência sobre as mulheres no conjunto de flagelos sociais a combater e a erradicar como a pobreza, a fome e a ignorância.

Apesar de se tratar de uma antologia de escritoras portuguesas, as biografias e os textos aqui publicados põem em evidência a continuidade dos laços culturais entre Portugal e Brasil muito para além da separação política verificada entre os dois territórios a partir de 1822. Como

afirmava Maria Amália Vaz de Carvalho num dos textos incluídos nesta antologia, naquela época “em todas as famílias do Minho [havia] um tio brasileiro” (vol. I, p. 176). A familiaridade das autoras aqui representadas com o Brasil traduziu-se na publicação de obras na imprensa e em casas editoras dos dois lados do Atlântico, em idas e vindas entre Brasil e Portugal, e em múltiplas referências intratextuais a personagens que encontraram no Brasil a possibilidade de mudar de vida ou de conseguir segundas oportunidades depois de desaires amorosos ou profissionais. Além da colaboração à distância, houve escritoras que tiveram intervenção direta no campo cultural brasileiro. São de mencionar, neste âmbito, os casos de Ana de Castro Osório e de Maria Rita Chiappe Cadet que viram os seus textos para a infância adotados nas escolas de Portugal e do Brasil, bem como os das migrantes Mariana Coelho e Paulina Campelo que fundaram e dirigiram colégios em Curitiba e no Rio de Janeiro. Numerosas foram também as escritoras antologizadas que proferiram palestras em instituições brasileiras, e pode dizer-se que todas participaram em redes de sociabilidade comuns. Dar a ver estes laços, além de dar a ler os textos, é um dos aspetos mais interessantes desta obra.